

A ELABORAÇÃO DO MODELO DIDÁTICO DE GÊNERO E DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PERSPECTIVA DE TRABALHO COM O GÊNERO TEXTUAL REPORTAGEM IMPRESSA EM SALA DE AULA.

BROCARDI, Rosângela Oro¹ (PDE 2008/2009)
COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição² (UNIOESTE)

RESUMO: Tendo em vista a perspectiva de que os gêneros textuais podem ser tomados como instrumento para mediar o processo ensino-aprendizagem da língua e das marcas discursivas que a constituem, torna-se importante encontrar caminhos para ensiná-los. Nesse sentido, propomos um trabalho pautado na metodologia da Sequência Didática (SD), conforme proposta de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e adaptação de Costa-Hübes (apud AMOP, 2007a) e Costa-Hübes (2008), constituído a partir da construção prévia do Modelo Didático do Gênero (MDG) *Reportagem Impressa*, da esfera jornalística, segundo as orientações de Schneuwly e Dolz (2004) e Machado e Cristóvão (2006). O objetivo reside na tentativa de aclarar os propósitos do trabalho com o gênero na sala de aula, ampliando, dessa forma, o conhecimento sobre sua função social, seu contexto de produção, sua organização composicional e suas marcas linguísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero Textual, Sequência Didática, Modelo Didático de Gênero, Reportagem Impressa.

ABSTRACT: In view of the prospect that the textual genres can be taken as a tool to mediate the teaching-learning process of language and discursive marks that are, it is important to find ways to teach them. Accordingly, we propose a methodology work outlined in the Didactic Sequence (DS), as proposed by Dolz, Noverraz and Schneuwly (2004) and adaptation of Costa-Hübes (apud AMOP, 2007a) and Costa-Hübes (2008), made from construction prior from Guided Model of Gender (MDG) Report Print, of the journalistic sphere, according to the guidelines of Schneuwly and Dolz (2004) and Machado and Cristóvão (2006). The goal is to try to clarify the purpose of the work on gender in the classroom, increasing the knowledge of their social role, its context of production, your organization and compositional language brands.

KEYWORDS: Gender Textual, Didactic Sequence, Guided Model of Gender, Print Report.

¹ Profa. do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE – 2008/2009, do Colégio Estadual Mário de Andrade EFMP, pertencente ao NRE de Francisco Beltrão. rosangela.oro@gmail.com

² Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Letras e do Curso de Letras da Unioeste – Campus de Cascavel. terecostahubesh@yahoo.com.br

1 Introdução

Neste artigo, pretendemos refletir sobre as teorias que permeiam os gêneros, especialmente na perspectiva bakhtiniana, para, a partir dos pressupostos teóricos, relacionar com o ensino, no sentido de repensar formas de transpor tal teoria para a prática. No que se refere a esta transposição didática, apresentaremos, como pressupostos, os estudos de Dolz e Schneuwly (2004) e Machado e Cristovão (2006), no que se refere à elaboração do Modelo Didático de Gênero (a partir de agora, MDG), e também resultados da aplicação de uma Sequência Didática (SD), a partir do gênero Reportagem Impressa, em uma turma de alunos do 4º ano Técnico em Administração do Ensino Médio.

O intuito do trabalho com os gêneros textuais parte da ideia de que a língua é social e, portanto, revela-se em textos (orais e escritos) que circulam na sociedade, cumprindo uma função específica: fazer rir, fazer chorar, informar, orientar, persuadir etc. Assim, os textos podem ser compreendidos como a materialidade do discurso de determinada esfera da atividade humana que, para fazer-se presente socialmente, elabora seus enunciados de maneira “relativamente estável” (BAKHTIN, 2003, p. 283), denominado por esse mesmo autor como gênero do discurso.

Se a escola adota uma concepção sociointeracionista da linguagem é porque reconhece a língua como fenômeno social e, nesse caso,

... o trabalho escolar, no domínio da produção da linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade. A análise de suas características fornece uma primeira base de modelização instrumental para organizar as atividades de ensino que esses objetos de aprendizagem requerem (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 51).

A ação da linguagem, e sua função como mediadora das práticas sociais, no que se refere à análise da produção, compreensão, interpretação de enunciados orais e escritos, torna-se, assim, objeto de estudo relevante. Nesse sentido, Bronckart afirma que:

Toda ação da linguagem implica diversas capacidades do sujeito: adaptar-se às características do contexto e do referente, mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas), dominar as operações psico-lingüísticas e as unidades lingüísticas (capacidades lingüístico-discursivas) (BRONCKART, 2003, p. 74).

Reconhecendo, portanto, esse caráter social da linguagem, diversos documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – (BRASIL, 1998) e as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Estado do Paraná – DCE – (PARANÁ, 2008), por exemplo, tentam abordar a questão. Porém, observamos que, mesmo com uma fundamentação teórica consistente, faltam orientações didático-metodológicas de como efetivamente transpor tais discussões para a prática escolar. E essa lacuna tem gerado certos desvios quanto ao lugar que os gêneros deveriam tomar no contexto escolar, sendo adotados, em muitas situações, como pretexto para o ensino da gramática, desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica.

Nesse sentido, o desenvolvimento do MDG mostra-se como fundamental, tanto no sentido de se constituir como uma orientação para as intervenções dos professores, quanto ao fato de delimitar as dimensões ensináveis, a partir das quais as SD podem ser produzidas e aplicadas.

A fim de aclarar essas questões e de encontrar caminhos para o trabalho com os gêneros na sala de aula, a reportagem impressa foi selecionado, visando reflexões sobre sua função social, seu contexto de produção, sua organização composicional, lançando um olhar, também, para suas marcas linguísticas, por meio da construção de um MDG, imprescindível para que a SD seja adequadamente constituída.

2 Concepção de gênero e suas perspectivas de encaminhamento em sala de aula

No Brasil, só recentemente tem sido dada maior atenção às teorias de gênero (de textos/do discurso). Pelo menos em parte, isso se deve à abordagem que os PCN (BRASIL,1998) fizeram sobre o assunto, trazendo indicações dos gêneros como objeto de ensino e destacando a importância de considerarmos as peculiaridades destes no trabalho com a leitura, com a oralidade e com a escrita. Trata-se, então, de focar, em sala de aula, o trabalho com textos de diferentes

gêneros, provocando reflexões sobre seu contexto de produção, evidenciando seus aspectos discursivos mais que suas propriedades formais. Passa-se a valorizar o estudo da situação de produção, do contexto e da circulação dos textos.

Buscando encaminhar atividades que dessem conta do que se mostra proposto no documento, diversos materiais didáticos apresentaram tentativas de aplicabilidade das teorias ligadas aos gêneros, o que gerou, muitas vezes, uma confusão terminológica que atualmente ainda se apresenta em alguns materiais. Por isso, delimitaremos, como caminho a ser estudado, os referenciais propostos pelo Sociointeracionismo, nas linhas traçadas por Vygostsky (1989) e Bakhtin (1999, 2003), relacionando-as com o Interacionismo Sócio-discursivo representado especialmente por pesquisadores de Genebra, dentre os quais destacamos Bronckart (2003), Dolz e Schneuwly (2004), além de seus seguidores aqui no Brasil como Marcuschi (2007, 2008), Machado e Cristóvão (2006), Baltar (2004).

Na tentativa de resolver a confusão terminológica sobre o tema, adotamos, como conceito de texto, a definição proposta por Bronckart: “(...) chamamos de texto toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e auto-suficiente (do ponto de vista da ação ou da comunicação)” (BRONCKART, 2003, p. 75),

Todavia, para que essa definição seja compreensível, é necessário, antes de mais nada, que compreendamos o que são gêneros (textuais ou discursivos). Para isso, uma grande contribuição vem de Bakhtin e de outros pesquisadores que compartilham de sua visão, os quais chamam a atenção para o caráter mediador e organizador do uso que fazemos da linguagem. Todos os usuários de uma língua moldam sua fala às formas dos gêneros, e os reconhecem nos usos sociais. Assim, todo gênero se realiza em textos. Para Bakhtin, os tipos relativamente estáveis de enunciados são chamados de gêneros discursivos, o que compreende certa mobilidade, dinamismo com relação às formas de materialização da língua. Nesse sentido, o autor afirma:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, para seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente, é, claro, individual, mas cada

esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Assim considerados, os gêneros devem ser compreendidos como os discursos que proferimos em nossas situações de interação, organizados por enunciados que, embora constituídos individualmente, revelam a esfera social que representam ao materializarem-se em textos (orais ou escritos). Schneuwly e Dolz resumem a posição desse autor, ao retomar os elementos a ser considerados na identificação dos gêneros:

- Cada esfera de troca social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados: os gêneros;
- Três elementos os caracterizam: conteúdo temático, estilo, construção composicional;
- A escolha de um gênero se determina pela esfera, as necessidades da temática, o conjunto dos participantes e a vontade enunciativa ou intenção do locutor (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 25).

Com isso, percebemos que os gêneros se constituem como práticas sociais da linguagem que precisam ser reconhecidas e apreendidas para serem usadas nas situações de interação. Nesse sentido, Bronckart afirma que “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (BRONCKART, 2003, p.103).

Assim, na escola, em relação ao trabalho com a textualidade, é importante compreender que se deve tomar os gêneros como objetos de ensino, como forma de aprimoramento linguístico, transitando por diversas esferas de comunicação, através de práticas que contemplem tanto a escrita, quanto a oralidade e a leitura, o que resultará numa inserção social de modo mais crítico, produtivo. Como afirma Bakhtin:

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade, refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2003, p.285).

Para Marcuschi (2006), os gêneros são enunciados no plano das ações sociais situadas e históricas. Por isso, a competência discursiva de um falante está associada à sua capacidade de interagir com as formações sócio-discursivas

existentes no mundo. Essa interação, segundo Bronckart (2003), se dá por meio de textos empíricos.

O texto singular ou empírico designa uma unidade concreta de produção de linguagem, que pertence a um gênero, composta por vários tipos de discurso, e que também apresenta os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular (BRONCKART, 2003, p.108).

Assim, “é no processo de interação social que a palavra significa, o ato de fala é de natureza social” (BAKHTIN, 1999, p. 109). Isso implica dizer que os homens não recebem a língua pronta para ser usada. Eles “penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar” (BAKHTIN, 1999, p. 108). Por isso,

Ensinar a língua materna, a partir dessa concepção, requer que se considerem os aspectos sociais e históricos em que o sujeito está inserido, bem como o contexto e produção do enunciado, uma vez que os seus significados são sociais e historicamente construídos (PARANÁ, 2008, p. 16).

Além disso, ao assumirmos a base teórica de perspectiva bakhtiniana, assumimos duas características dos enunciados: a dialogia e a polifonia. Aquela vê o texto não como um produto fechado, mas em suas relações com o contexto social, com os textos já lidos pelo leitor, com as ligações feitas com as diversas áreas do conhecimento; esta, leva-nos a perceber que um texto não é constituído apenas na voz do escritor, mas repleto de outras vozes.

A proposta de que os alunos se apropriam dos conhecimentos, tanto por meio da escrita, quanto da oralidade e da leitura, tem relação com os estudos relacionados ao *letramento*, entendidos como a apropriação/conhecimento das inúmeras práticas sociais que integram a textualidade no mundo. Marcuschi concorda que:

Os estudos sobre letramento investigam as práticas sociais que envolvem a escrita, seus usos, funções e efeitos sobre o indivíduo e a sociedade como um todo. (...) Isso nos faz ver que o letramento não é único, mas há vários letramentos, relativos aos vários contextos sociais e culturais das sociedades em que aparecem. (...) Se há tipos diferentes de letramento, só há sujeitos menos ou mais letrados, visto que em algum domínio discursivo ele terá mais práticas de letramento e, em outro, menos (MARCUSCHI, 2007, p. 39).

Tendo como pressuposto o fato de que o trabalho com os gêneros textuais auxiliam, de forma primordial, para tal letramento, cabe ressaltar que, além do conhecimento de mundo, é necessário também, segundo Antunes (2007), que conheçamos as muitas regras (ou regularidades) que especificam o que devemos fazer para organizar um texto, para lhe dar uma sequência, para lhe atribuir uma continuidade e uma progressão, no sentido de estabelecer uma coerência. “(...) Tudo é necessário para se entender ou para se fazer um relatório, um aviso, um convite, um artigo, um resumo, uma resenha, por exemplo, vai além da gramática e do léxico da língua (ANTUNES, 2007, p. 58-59).

Reconhecendo o caráter interacional e dialógico da língua, revelado nos gêneros, as Diretrizes Curriculares Estaduais afirmam que:

Para haver reflexão com e sobre a língua é necessário considerar, como ponto de partida, a dimensão dialógica da linguagem, presente em atividades que possibilitem, aos alunos e professores, experiências reais de uso da língua materna. Os conceitos de texto e de leitura não se restringem, aqui, à linguagem escrita: abrangem, além dos textos escritos e falados, a integração da linguagem verbal com outras linguagens (multiletramento) (PARANÁ, 2008, p. 17).

Para isso, tendo como pressupostos as dificuldades encontradas pelos professores no que tange ao ensino da expressão oral/escrita, tomamos como tese a ideia de que a linguagem deve ser trabalhada sob a perspectiva sociointeracionista, nos termos vygostkianos e bakhtinianos, constituindo-se, como a base do trabalho, os gêneros discursivos e, mais especificamente, *a reportagem jornalística impressa*.

3 A esfera jornalística e o gênero *reportagem impressa*

O objeto de estudo dessa pesquisa, *a reportagem jornalística impressa*, necessita de maiores esclarecimentos sobre muitas questões. Por exemplo: qual é, afinal, a função social desse gênero que o caracteriza como tal? Quais são seus veículos/suportes de circulação, atualmente? Quais as suas formas de apresentação nestes veículos/suportes? Há marcas de polifonia? Como elas se desenvolvem? Pode-se afirmar tratar-se de um gênero híbrido? Nesse caso, quais são as variantes do gênero? Quais marcas linguísticas lhe são próprias? Como representa a esfera jornalística e o mundo discursivo ao qual pertence?

De início, podemos constatar que este gênero representa uma atividade textual de grande importância na esfera jornalística, uma vez que objetiva a divulgação de um fato, porém de maneira mais aprofundada, apresentando elementos de comprovação, descrição detalhada e, em muitos textos, destaca-se até recursos de argumentação. Pode-se afirmar, portanto, que se configura como uma notícia ampliada. Sua circulação se dá, normalmente, em diversos veículos/suportes, o que influencia, de certa forma, em sua constituição, tanto formal, quanto linguística. Por exemplo, reportagens veiculadas em jornal *online*, se comparadas com outras veiculadas em uma revista semanal impressa, assumem formatos diferenciados, determinados por diversos fatores, que vão desde o próprio suporte, até a influência decisiva do público alvo ao qual se destinam. Porém, um ponto em comum, há que se ressaltar: seu objetivo principal está no aprofundamento dos fatos.

Para Baltar,

A reportagem é o gênero mais complexo e mais elaborado do jornalismo. Envolve coleta minuciosa de dados, entrevistas, consulta a outras mídias como rádio, TV e internet. Predominam os tipos de discurso do mundo do narrar: narração e o relato interativo, com seqüências narrativas, descritivas e dialogais (BALTAR, 2004, p. 132).

Observamos, ainda, que, em muitas situações, o gênero reportagem assume caráter híbrido, já que sua composição absorve ou utiliza-se de vários outros gêneros, como a entrevista, o gráfico, a charge, etc. Marcuschi, nesse sentido afirma:

É bastante comum nos órgãos de imprensa que se usem as contaminações de gêneros ou se proceda à hibridização como forma de chamar mais a atenção e motivar a leitura. De algum modo, parece que essa estratégia tem o poder quase mágico de levar as pessoas a interpretarem muito mais e com mais intensidade o que ali está. (MARCUSCHI, 2008, p. 168)

Assim, é importante que os alunos conheçam uma diversidade de gêneros, mas que a cada um seja dado o tratamento necessário para seu reconhecimento e uso na sociedade. Segundo Machado,

(...) É isso que confere ao gênero discursivo o caráter não de uma forma lingüística, mas de uma forma enunciativa que depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que a própria palavra (MACHADO, 2005, p.158).

Para melhor compreendê-lo, torna-se fundamental o estudo de como o gênero se situa, se caracteriza e qual sua relação com a esfera discursiva a que pertence, o que pode ser feito a partir da construção de Modelo Didático de Gênero (MDG), conforme explicitamos a seguir.

4 Metodologia de análise: Modelo Didático de Gênero como pressuposto para a construção de Sequências Didáticas

Para o trabalho com um gênero na sala de aula, é importante, antes de tudo, que o professor reconheça-o quanto à sua função social, ao seu contexto de produção, à sua estrutura organizacional e às suas marcas linguísticas e textuais.

A construção do MDG *Reportagem Imprensa* colabora nesse sentido, fazendo apontamentos quanto às características predominantes do gênero. Para isso, avalia a forma como este se constitui, apresenta-se seu contexto de uso e em sua esfera de circulação, bem como sobre suas marcas linguísticas, o que contribui para sua transposição didática, já que fornece dados importantes que poderão ser trabalhados na elaboração de SD.

Para Cristóvão, que adota a concepção de MDG segundo Dolz e Schneuwly (2004), a análise e a classificação dos textos, bem como a identificação dos gêneros são necessárias para a construção de um MDG que apontará os elementos ensináveis num processo de ensino/aprendizagem. Nesta perspectiva, segundo a autora, o modelo didático é criado a partir de:

- a) resultados de aprendizagem expressos por documentos oficiais e da determinação das capacidades reveladas pelos alunos;
 - b) conhecimento dos *experts* daquele gênero e conhecimentos linguísticos do gênero;
 - c) capacidade de linguagem dos alunos.
- (...) O modelo didático visa apontar, segundo o que é ensinável, às capacidades de linguagem que poderão ser desenvolvidas a partir do trabalho com os textos pertencentes a gêneros específicos que circulam em nosso meio. (CRISTÓVÃO, 2002, p. 43-44)

Assim, faz-se de suma importância, se não a consulta a MDG já disponíveis, a elaboração prévia destes, nos moldes propostos por Schneuwly e Dolz (2004), a fim de orientar um encaminhamento adequado na elaboração de SD, permitindo, com isso, uma progressão no que se refere ao trabalho com as marcas do gênero.

Segundo estes autores,

(...) Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características:

1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores;
2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas seqüências didáticas podem ser concebidas. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 82)

Ao revelar as marcas predominantes do gênero, já indica, também, quais os elementos mais importantes e que devem ser enfocados ao trabalhá-lo. A partir dessas orientações, o professor terá mais segurança para fazer as intervenções necessárias em momentos de ensino/aprendizagem. Na verdade, o MDG pode ser compreendido como um estudo e/ou uma pesquisa feitos para ampliar os conhecimentos contextuais, estruturais e linguísticos do gênero em foco.

Ainda sobre o MDG, segundo Machado e Cristóvão (2006), no mínimo, os seguintes elementos devem ser considerados:

- a) as características da situação de produção (quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, em que tipo de linguagem, qual é a atividade não verbal a que se relaciona, qual o valor social que lhe é atribuído etc.);
- b) os conteúdos típicos do gênero;
- c) as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos;
- d) a construção composicional característica do gênero, ou seja, o plano global mais comum que organiza seus conteúdos;
- e) o seu estilo particular, ou, em outras palavras:
 - as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador: (presença/ausência de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, dêiticos, tempos verbais, modalizadores, inserção de vozes);
 - as seqüências textuais e os tipos de discurso predominantes e subordinados que caracterizam o gênero;
 - as características dos mecanismos de coesão nominal e verbal;
 - as características dos mecanismos de conexão;
 - as características dos períodos;
 - as características lexicais (MACHADO e CRISTOVÃO, 2006, p. 11-12).

Conforme exposição das autoras, são pelo menos cinco os elementos que podem/devem ser estudados/pesquisados em um gênero: a situação de produção, o conteúdo temático, a(s) forma(s) de abordar o tema, a estrutura composicional e as marcas linguísticas. No entanto, tais elementos devem ser analisados no conjunto, na representação do todo, que é o gênero. Se uma dessas marcas for privilegiada em detrimento de outra(s), perde-se a organicidade do gênero. Isso significa dizer que trabalhá-lo na sala de aula pressupõe uma abordagem conjunta entre leitura, oralidade e escrita, entendendo-as como eixos estruturantes para se chegar ao reconhecimento da função social e do contexto de produção, assim como de marcas linguísticas e textuais, do gênero selecionado, de forma orgânica articulada.

Toda essa orientação reside na compreensão de que o trabalho com o gênero pressupõe estudo e planejamento. Portanto, saber o que ensinar e como devemos conduzir o processo ensino/aprendizagem é fundamental para a condução de um projeto de ensino. Nesse sentido, Costa-Hübes e Baumgärtner afirmam:

O modo como ensinamos, as nossas ações na sala de aula são afetadas ideologicamente, pois a forma como concebemos o ensino de língua, as escolhas que fazemos em relação a materiais e métodos podem contribuir para a formação de homens críticos, ou de homens alienados, tendo em vista que as mesmas estão, inevitavelmente, apoiadas em concepções de homem, de sociedade, de linguagem, as quais incorporamos ao longo de nossa constituição sócio-histórica. (In. AMOP, 2007, p. 13)

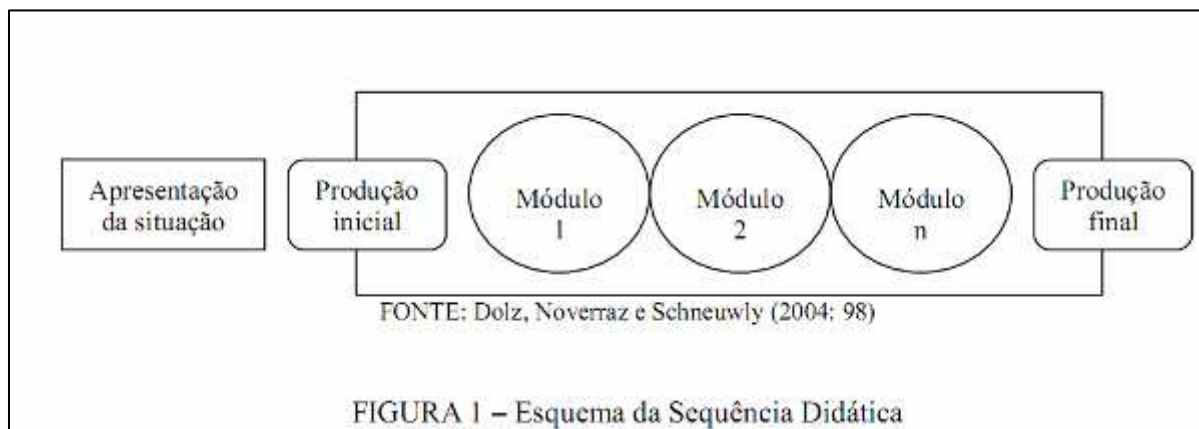
Adotar uma metodologia de ensino, com base em um suporte teórico que dê sustentação às ações didáticas, é condição básica para que a educação aconteça. Neste trabalho, estamos apostando na construção do MDG para chegarmos à metodologia da *sequência didática* (SD), uma vez que se trata de um procedimento metodológico que propõe uma maneira precisa de trabalhá-lo em sala de aula.

Por que os gêneros como objeto de ensino da Língua Portuguesa? Antunes, responde a essa indagação, com a seguinte defesa: “o texto não é a forma prioritária de se usar a língua. É a única forma. A forma necessária. Não tem outra. A gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da atividade da linguagem. (ANTUNES, 2007, p.130).

Quanto ao procedimento metodológico da SD, Dolz, Noverraz e Schneuwly o definem como “um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ e

SCHNEUWLY, 2004, p.97), cuja finalidade é trabalhar com gêneros não dominados ou dominados parcialmente pelo aluno.

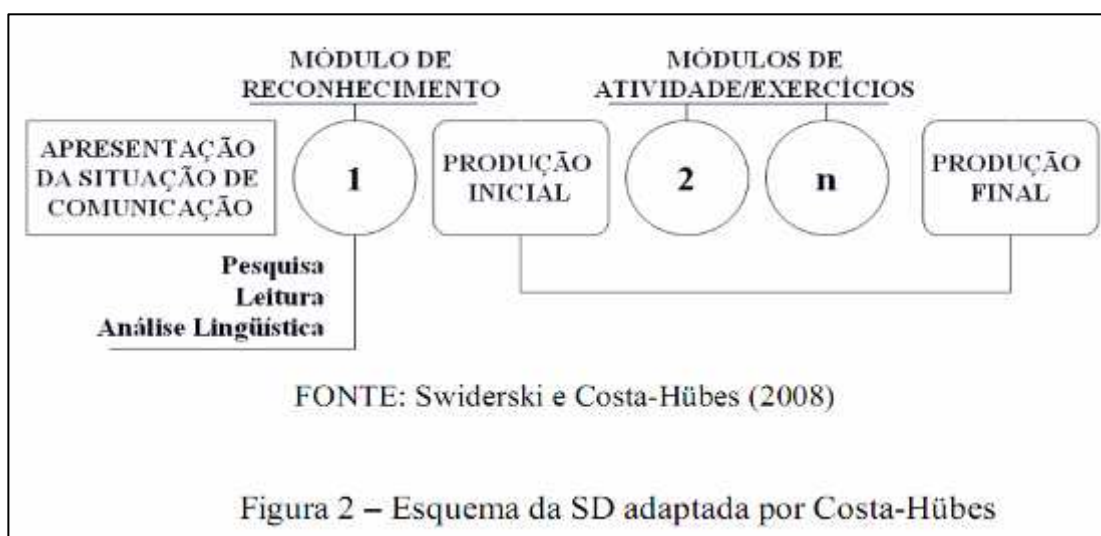
Inicia-se, normalmente, pela *apresentação da situação*, detalhando a situação de interlocução que será realizada por meio do gênero selecionado. Em seguida, parte-se para a *produção de um texto inicial*, o qual servirá de referência para o professor identificar os encaminhamentos que deverá seguir. Tendo em vista o levantamento das principais dificuldades a partir dos textos dos alunos, elaboram-se *módulos* de atividades diversificadas, os quais contemplarão os diversos elementos constituintes do gênero abordado e que ainda não foram sistematizados pelos alunos. A SD é finalizada com outra *produção*, quando o aluno poderá incorporar os conhecimentos adquiridos nos módulos. A figura 1, abaixo, resume tal encaminhamento:



A metodologia acima, após a *apresentação da situação*, remete-nos à necessidade de propor aos alunos uma situação concreta de uso da língua, para a qual são instigados a interagir efetivamente através da linguagem, selecionando, dessa forma, estratégias, de acordo com sua intencionalidade. Para melhor organizar as SD e selecionar adequadamente os gêneros com os quais se pretende trabalhar, os autores afirmam que os gêneros podem ser agrupados em função de regularidades linguísticas e de transferências possíveis, segundo capacidades de linguagem dominantes.

Porém, antes da produção inicial de um texto do gênero selecionado, sentimos a necessidade de propiciar, aos alunos, situações de reconhecimento do gênero, oportunizadas por atividades de pesquisa, leitura e análise linguística de textos prontos, já publicados, que circulam socialmente. Por isso, optamos pela adaptação metodológica da SD, apresentada por Costa-Hübes (apud AMOP, 2007)

e Costa-Hübes (2008). Na verdade, trata-se da inserção do módulo *reconhecimento do gênero* antes da produção inicial, conforme explicitado abaixo na figura 2:



Propiciar situações de pesquisa, leitura e análise linguística antes da produção inicial, significa subsidiar os alunos com conhecimentos necessários para que o processo da produção (oral ou escrita) aconteça. Conforme explicam Swiderski e Costa-Hübes, “As condições de práticas de leituras, criadas pela SD, envolvem não apenas o contexto de produção e a relação autor-texto, mas a este se soma o conhecimento do leitor e o contexto de uso” (SWIDERSKI e COSTA-HÜBES, 2009, CD-ROM). Analisando bons textos, refletindo sobre seu contexto de produção e sua forma de organização, o aluno estará melhor preparado para produzir o seu texto.

Desse modo, ao avaliarmos a proposta da SD, entendemos que antes mesmo de se chegar à produção inicial, o professor tem a oportunidade de criar, para o estudante, várias situações que envolvam a prática de leitura de textos do gênero, já prontos, que circulem na sociedade. (SWIDERSKI e COSTA-HÜBES, 2009, CD-ROM).

Outro elemento importante desse módulo de reconhecimento, refere-se ao incentivo à pesquisa. Ao valorizar tal ação, o professor entende que as informações sobre o gênero não devem ser repassadas gratuitamente, prontas, acabadas. Ao contrário, deve ser incentivada a pesquisa de vários textos do gênero, afim de que o aluno perceba-o como um instrumento relativamente estável. Conforme as autoras:

Nessa perspectiva, o estudante tem dois problemas a resolver antes de iniciar sua produção: um abarca a pesquisa para conhecer os elementos que determinam, num dado contexto sócio-histórico e cultural, a produção e a circulação das amostras do gênero a ser abordado didaticamente; e, em segundo, a leitura e a análise dessas amostras, novamente buscando reforçar o conhecimento acerca dos elementos que as constituem (SWIDERSKI e COSTA-HÜBES, 2009, CD-ROM).

Adotando a base teórica dos gêneros, somando-se a ela metodologia da SD conforme adaptação de Costa-Hübes (in AMOP 2007) e Costa-Hübes (2008), planejamos uma SD com o gênero *Reportagem Impressa*, tendo como base o MDG. Para melhor explicitarmos essa tentativa de transposição didática, detalharemos, em seguinte, o percurso da análise.

5 Descrição do *corpus* da pesquisa e dos procedimentos de análise

Foram selecionadas, para a construção do MDG *Reportagem Impressa*, 10 reportagens de diferentes revistas, as quais apresentavam público-alvo bastante diverso. O quadro resumido abaixo explicita a delimitação do *corpus* da pesquisa, o qual serviu como base para a constatação das marcas características do referido gênero, partindo de sua situação real de uso.

Texto	Título da Reportagem	Autor/locutor	Veículo/Revista	Momento de Produção
1	<i>Agora nem mais um gole</i>	Fel Mendes	Revista <i>Galileu Especial Vestibular</i>	outubro de 2009
2	<i>Correr Rejuvenesce</i>	Cilene Pereira	Revista <i>Istoé</i>	20/08/2008
3	<i>Biblioteca Íntima</i>	Leandro Quintanilha	Revista <i>Vida Simples</i>	outubro/2008
4	<i>Aula de Sabor</i>	Amanda Polato	Revista <i>Nova Escola</i>	Setembro/2008
5	<i>Todas as palavras de Machado de Assis</i>	Repórter da revista (não há referência)	Revista <i>Língua Portuguesa</i>	Setembro/2008
6	<i>Um brinde ao vinho</i>	Texto: Kátia Stringueto Reportagem Fotográfica: Camile Comandini Fotos: Eduardo Delfim	Revista <i>Bons Fluidos</i>	Julho/2005
7	<i>Há semelhança com a crise de 29?</i>	Octávio Costa	Revista <i>Istoé</i>	08/10/2008
8	<i>O fim do sofrimento no dentista?</i>	Elis Magarotto	Revista <i>SuperInteressante</i>	Agosto/2008
9	<i>Educação Sexual funciona?</i>	Texto: Diogo Sponchiatto Design: Eder Redder Fotos: Eduardo Svezia	Revista <i>Saúde! É vital.</i>	Março/2008
10	<i>A vez dos casais sem filhos</i>	Ausência de autoria da reportagem	Revista <i>da Semana</i>	02/10/2008

Quanto à constituição propriamente dita do MDG e os critérios selecionados para análise, temos em vista que toda produção linguística é uma ação social situada, utilizada por indivíduos em formações sociais específicas, conforme pressupostos teóricos propostos por Bakhtin (1999; 2003), Bronckart (2003), e, posteriormente, analisado por Marcuschi (2007; 2008) e Baltar (2004).

Nesse sentido, no MDG, em primeiro plano, buscamos analisar a situação de ação da linguagem, as propriedades dos mundos formais (físico, social e subjetivo) que norteiam a produção do gênero *reportagem*. Em seguida, avaliamos também a infra-estrutura geral de um texto, tem em vista que, diante de um quadro contextual, o locutor seleciona estratégias diferenciadas de acordo com a situação de linguagem na qual está inserido, com o conteúdo que deseja abordar, com os parâmetros dos mundos físico e sócio-subjetivo. Definimos, dessa forma, o gênero determinado, articulando os tipos de discursos, organizados através de sequências textuais. Bronckart (2003) chama isso de *folhado textual*, “aspectos que tramam a organização dos textos” (BALTAR, 2004, p. 72).

Num terceiro momento, procedemos à análise de recursos linguísticos, tais como: modalizadores, dêiticos, utilização de elementos coesivos, tanto referenciais, quanto sequenciais, escolha de tempos verbais, lexicais, dentre outros itens que estabelecem relações com a intencionalidade do locutor e a constituição do gênero, sua circulação.

Na tentativa de garantir maior compreensão sobre a análise efetuada no MDG, transcrevemos, de forma resumida, os aspectos observados no gênero *Reportagem Impressa*.

5.1 Contextos físico e sócio-subjetivo de produção

Observamos, na análise abordada nos textos que o elemento mais importante, determinando outros aspectos constitutivos do gênero, diz respeito ao momento de produção (o contexto histórico imediato) das reportagens. Os locutores, normalmente repórteres das revistas (veículo/suporte do gênero em questão), buscam selecionar temáticas relacionadas a fatos da atualidade, ou assuntos gerais, atemporais, mas de interesse constante por parte do público-alvo (interlocutores).

Por meio da análise comparativa de reportagens de diferentes revistas, constatamos que, de acordo com o público-alvo, o locutor seleciona estratégias,

mecanismos linguísticos diferenciados. Isto se mostra na escolha lexical, nos níveis de linguagem, na consideração da posição social do interlocutor, buscando contemplar expectativas deste, denunciando intencionalidades. Tanto o lugar, quanto o momento de interação aos quais as reportagens remetem, representam fatores determinantes de seu conteúdo, dos argumentos utilizados pelo locutor, tendo em vista os efeitos que deseja produzir sobre seu interlocutor.

Com relação ao contexto físico, ainda, cabe-nos ressaltar o papel do veículo/suporte e sua influência sobre a constituição do gênero. Nesse sentido, observamos, nas reportagens analisadas, que estas não se mostram indiferentes ao veículo/suporte em que circulam, definindo, de certa forma, o formato do gênero, ao privilegiar estratégias, preferências estilísticas utilizadas na constituição do texto.

5.2 Plano Discursivo

5.2.1 Definição e Estrutura da reportagem

Sendo a reportagem um gênero textual da esfera jornalística, o objetivo básico se constitui no propósito de trazer informações atualizadas e detalhadas sobre fatos, acontecimentos, temas ou sobre personalidades de interesse do público-alvo do veículo de comunicação, no caso, da revista. Porém, observamos que este gênero objetiva, implicitamente, formar a opinião dos interlocutores a respeito de determinado assunto, o que foi possível determinar na análise da utilização de modalizadores por parte do locutor.

As reportagens, quanto à sua estrutura, de um modo geral, podem conter os seguintes componentes:

- 1-Títulos:** há implícita uma função apelativa com a finalidade de chamar a atenção do leitor.
- 2-Subtítulos** (ou gravatas): são as linhas colocadas abaixo do título que têm a função de completar o título e de apresentar, de maneira resumida, o assunto.
- 3-Olho:** recurso gráfico no qual é retida uma frase de efeito ou impactante e é colocada em destaque, entre aspas, dentro de um pequeno boxe ou espaço e em meio às colunas em que são escritas as reportagens.
- 4-Lead:** relato inicial do texto, devendo informar o que é mais importante e não o mais interessante.
- 5-Boxes:** caixa de texto diferenciada pela cor e que ganha destaque por utilizar textos combinados com tabelas, gráficos ou fotos referenciando-se ao assunto (combinação entre linguagem verbal e não-verbal ou referência a outros textos de diferentes gêneros textuais).

Baltar tece considerações sobre a reportagem:

É o gênero mais complexo e mais elaborado do jornalismo. (...) Predominam os tipos de discurso do mundo do narrar: narração e o relato interativo, com seqüências narrativas, descritivas e dialogais. (...) Envolve coleta minuciosa de dados, entrevistas, consultas a outras mídias como rádio, tevê e internet (BALTAR, 2004, p.132).

A fim de exemplificar de que forma este gênero normalmente se constitui, citamos a reportagem abaixo:

Comportamento

Família

TÍTULO

A vez dos casais sem filhos

SUBTÍTULO OU GRAVATA

Há quase 2 milhões de brasileiros nesse novo arranjo

LEAD

Os casais sem filhos em que ambos trabalham é o novo arranjo que, aos poucos, muda a cara da família brasileira. Em 1997 eles eram 997 mil. Em 2007 o número saltou para 1,94 milhão – dobrou, portanto, como mostram os números da Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, divulgados na semana passada. Eles recebem, em média, 3,5 salários mínimos, o que os põe entre os 10% mais ricos da população. A grande maioria vive na região Sudeste – 963 mil, quase a metade. Trata-se, portanto, de fenômeno associado “à socieda-

de industrializada, afeito a pessoas na faixa de até 34 anos”, diz Ana Sabóia, coordenadora do levantamento, citada por *O Globo*. O fenômeno é resultado de um duplo movimento. “A escolha de não ter filhos mas também a influência do adiamento da maternidade para a busca profissional”, informa a *Folha de S.Paulo*.

É tendência que nos Estados Unidos já tem nome. São os “dinks”, de “double income and no kid”, duplo salário sem crianças, casais que começaram a surgir com força no início dos anos 1990. “Para a classe média,

BOXE: Tabela + linguagem não-verbal

CASAMENTOS SEM CRIANÇAS

Quantos são...

997 mil em 1997 (2,4% da população)	1,97 milhão em 2007 (3,4 da população)
--	---



...e onde estão

SUDESTE	963 mil
NORDESTE	384 mil
SUL	375 mil
CENTRO-OESTE	146 mil
NORTE	73 mil

Fonte: IBGE

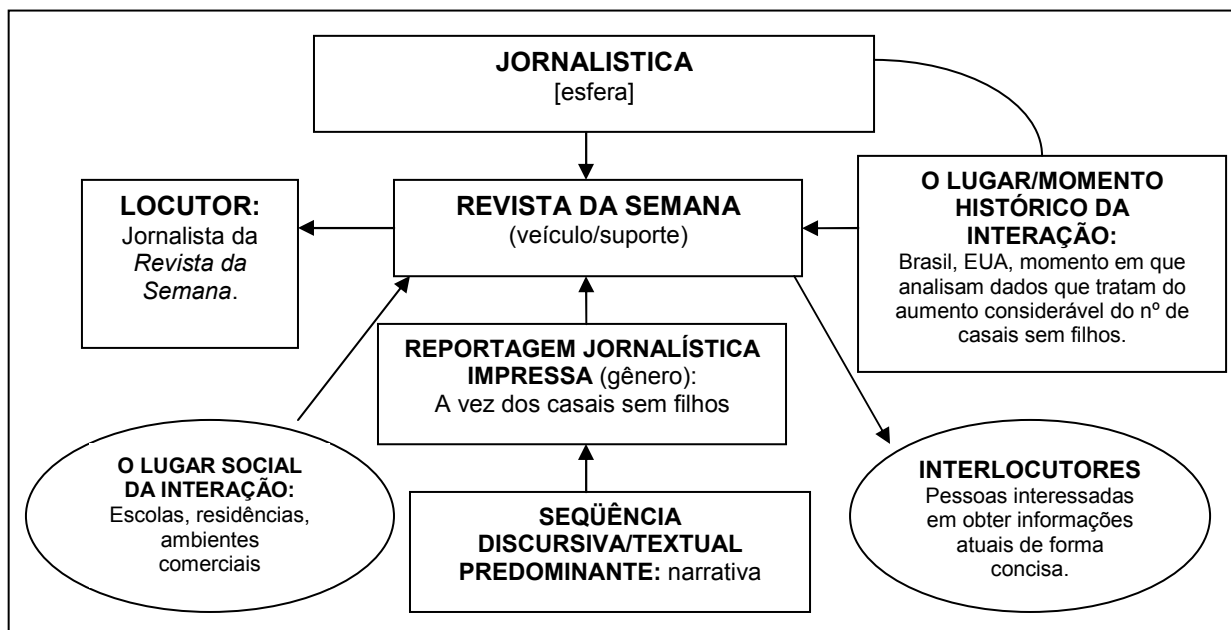
que tem dificuldade para usar os serviços públicos de saúde e educação, fica muito caro criar um filho, diz a socióloga Elisabete Dória Bi-

lac, da Unicamp. Para Brígida Moreira, de 48 anos, casada e sem crianças, “ser mãe deixou de ser o grande sonho feminino”.

Fonte: Revista da Semana, 02/10/08, reportagem: *A vez dos casais sem filhos*

Notamos, no caso da reportagem acima, que em seu suporte, ao observar que seu público-alvo demonstra preferência por textos mais concisos, apresentam reportagens com tal característica.

Na esquematização abaixo, procuramos explicitar melhor algumas das relações gerais que se estabelecem na constituição do gênero textual referido, tomando essa reportagem como base:



No exposto acima, merece maior reflexão as influências mútuas entre os gêneros e seus veículos/suportes. O que se revela é que os gêneros não são indiferentes nos diversos veículos/suportes possíveis, nem imunes a eles, assim como a percepção das influências do momento histórico e da relação entre locutor/interlocutor se fazem como imprescindíveis para uma melhor compreensão do sentido global do texto.

Na construção do MDG da *Reportagem impressa*, observamos, também, que na grande maioria dos textos analisados, há predominância da sequência narrativa (conforme exemplificado na reportagem acima), porém, a presença de outros tipos de sequências é recorrente. Nesse sentido, Baltar concorda que "(...) há uma maioria de textos heterogêneos, compostos por mais de um tipo de discurso/modalidade discursiva, em que um tipo está em relação de predomínio e outro, ou outros tipos, em relação de subordinação" (BALTAR, 2004, p.72). É o caso desse gênero que, em geral, apresenta diferentes sequências discursivas/textuais em sua constituição, a saber: narrativa, descritiva, argumentativa e expositiva. No entanto, como se observa do MDG, há a predominância da narrativa, aliada, em segundo plano, às sequências argumentativas.

A tendência à utilização do relato, no que se refere ao tipo de discurso, é previsível, uma vez que este gênero revela marcas do mundo atual, ou seja, do contexto físico de produção. Normalmente, como se comprova na construção do MDG, e já exemplificado anteriormente, inicia-se por um lead narrativo (primeiro

parágrafo ou, às vezes, na forma de uma gravata, subtítulo, box), aproximando-se, dessa forma, do gênero notícia, diferenciando-se desta, porém, pelo fato de a reportagem aprofundar-se na análise do tema, apoiada em dados, fatos, fontes, discursos de autoridade, que lhe conferem maior fundamentação. Diferencia-se da notícia, então, em relação ao enfoque do conteúdo, extensão, abrangência e profundidade.

É interessante notarmos, porém, que alguns suportes optam por produzir reportagens mais breves. Muitas vezes, isto acaba por deixar ainda mais tênue a linha divisória entre os gêneros *notícia* e *reportagem*.

Ainda sobre a estrutura da reportagem, destacamos que, cada vez mais, há influência das inovações quanto à diagramação, formas de distribuição dos textos nas páginas. Comumente, este gênero textual se caracteriza por uma certa hibridização, ao se valer de outros gêneros como a inserção de tabelas, colunas explicativas, entrevistas, infográficos, entre outros. Embora estes sejam utilizados como recursos que colaboram na progressão temática em questão, apresentam características próprias do gênero original. Isso nos leva a concluir que a reportagem, ao se valer dessa estratégia, busca ampliar os conhecimentos do interlocutor específico, fazendo com que produza inferências, determinando um posicionamento crítico, em função da abrangência com que os dados são relatados.

Quanto às formas de intitular e/ou legendar as reportagens, em muitos textos há recorrência a uma linguagem de caráter mais conotativo, ambíguo, quando não irônico, humorado, conforme as pretensões interacionais escolhidas pelo locutor, tendo em vista a expectativa do interlocutor específico em relação ao conteúdo esperado.

Nesse sentido, ainda, a própria opção pela utilização de fotos, imagens, cores, caracteriza este gênero, também, como multimodal, ao unir a linguagem verbal e a não-verbal. Sobre a multimodalidade e sua recorrência nas reportagens, Gaydeczka afirma:

As reportagens são gêneros multimodais, ou seja, são riquíssimos na utilização de diferentes formas de interação textual, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de leitura de outras linguagens, além da linguagem verbal tradicionalmente considerada na escola. Com as inovações tecnológicas, as reportagens apresentam a escrita de uma forma ousada. E sua forte presença na vida cotidiana está alterando a forma de leitura e de apreensão do conhecimento, pois, as

informações são apresentadas de forma sucinta, concisa, associando recursos visuais a textos explicativos (GAYDECZKA, 2007 p. 109/115).

5.2.2 Estilo Linguístico

Como a reportagem pertence à ordem do relatar (por revelar marcas do mundo atual, em curso), apresenta a predominância dos verbos no presente do indicativo e no pretérito perfeito do indicativo (simples). O locutor utiliza mais intensamente, de acordo com sua intenção de promover a continuidade e a progressão temática de uma sequência narrativa, verbos no pretérito perfeito, quando pretende sinalizar o fim de um estado de expectativa, e, verbos no presente do indicativo, para indicar um tempo que pressupõe estabilidade. Essas escolhas justificam-se conforme a intencionalidade do locutor em relação aos efeitos que deseja causar no interlocutor. Para Koch:

A recorrência de tempo verbal tem função coesiva, indicando ao leitor/ouvinte que se trata de uma sequência de comentário ou de relato, de perspectiva retrospectiva ou zero, ou ainda, de primeiro ou segundo plano, no relato (KOCH, 2008, p. 58).

Outro aspecto que detectamos, diz respeito, praticamente, à ausência da utilização de pronomes de 1ª ou de 2ª pessoa. Quando isto aparece nas reportagens, estão inseridos nos discursos diretos, depoimentos, utilizados como estratégia argumentativa (discurso de autoridade). Ao optar por isso, entendemos que o locutor pretende marcar uma certa impessoalidade ao texto. Além disso, a utilização frequente de discursos diretos na manifestação das muitas vozes que constam no gênero reportagem fazem com que ele se constitua como um texto polifônico.

Segundo Bezerra,

a polifonia se define pela convivência e pela interação, em um mesmo espaço, (...) de uma multiplicidade de vozes e consciências independentes, (...) todas representantes de um determinado universo e marcadas pelas peculiaridades desse universo (...) o que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente de coro de vozes que participam do processo dialógico (BEZERRA, 2005, p.194).

Constatamos, também, em diversas reportagens, o uso de figuras de linguagem, de certas expressões com valor conotativo, irônico, o que demonstra uma intencionalidade por parte do repórter em causar um efeito de descontração, buscando que o leitor se sinta instigado a continuar a leitura. Ainda, em alguns textos, há referências explícitas ao interlocutor (“você”), o que pode ser interpretado como um discurso pretensamente interativo, no sentido de buscar, por meio de uma “aproximação” entre locutor/interlocutor, certa adesão ao tema relatado.

Durante a construção do MDG, verificamos a utilização intensa de expressões que revelavam a posição do locutor em relação ao que se dizia, expressões as quais são denominadas, pela Análise do Discurso, de modalizadores. As expressões *mas* e *ainda* classificam-se, às vezes, como modalizadores ao se mostrarem como uma tentativa de induzir o leitor, no sentido de determinar o posicionamento deste. Estas expressões exercem, dessa forma, função argumentativa, isto é, orientam os enunciados em que figuram para determinadas conclusões. Classificam-se, assim, como mais do que simples elementos coesivos.

Além disso, o uso de paráfrases, cadeia de sinônimos, hiperônimos, associação semântica entre as palavras, caracterizam-se como recursos utilizados com a finalidade de manutenção temática, progressão desta, ou até mesmo como forma de modalização, ao promover a retomada constante das mesmas ideias.

Já a função das conjunções, preposições, advérbios, pronomes, articulando a coesão sequencial e referencial nas reportagens, se mostra a partir da sua utilização em períodos normalmente breves, de forma a facilitar a compreensão imediata do conteúdo. Destacamos, além de diversos outros conectivos, o uso recorrente da conjunção aditiva “e” e do pronome relativo “que”. O efeito disso se mostra na construção de frases bem elaboradas, mas que primam pelo tom de simplicidade, coloquialidade, de acordo com as intenções do locutor e com a esfera de circulação da revista.

A preferência por parágrafos relativamente curtos, mostra-se como uma tendência à exigência dos interlocutores por textos mais concisos, simples, dado o curto espaço de tempo que uma grande parcela destina à leitura de reportagem impressa. Com efeito, o que observamos é uma tendência adotada por alguns suportes por privilegiar/disponibilizar reportagens, muitas vezes, com caráter mais

breve. Isso causa, conseqüentemente, uma aproximação entre as fronteiras da notícia e da reportagem.

Reportagem: Consideramos reportagens em nossos jornais escolares matérias que, em forma de notícia, tiveram um tratamento diferenciado. (...)

Notícia é o gênero básico do jornalismo, em que se relata um fato cotidiano considerado relevante, mas sem opinião. É um gênero genuinamente informativo, em que, em princípio, não se posiciona, pois o que vale é o fato (BALTAR, 2004, p.132-133).

Dessa forma, a reportagem apresenta um caráter de aprofundamento da notícia, podendo, ainda, apresentar, implícita ou explicitamente, posicionamento por parte do locutor.

A opção por parágrafos relativamente curtos na grande maioria dos textos analisados, assim como a preferência por frases mais simples, períodos não muito complexos, mostra-se como uma forma de manter a atenção do interlocutor.

Sobre recursos de coesão sequencial, que diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre segmentos do texto, diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmáticas, à medida que faz o texto progredir, podemos constatar recorrência, dentre outras expressões, à utilização de conjunções aditivas, utilizadas no sentido de somar argumentos/ideias/fatos a favor de determinada conclusão. Observamos, em alguns casos, que a utilização de elementos como o termo *também*, por exemplo: “*Também* não foram observados grandes prejuízos às articulações daqueles que corriam.” Sua utilização se mostra muito além do que mero recurso que dá sequência ao que é dito. Este e outros recursos coesivos se apresentam em alguns textos com função argumentativa, isto é, orientam os enunciados em função de determinada conclusão. São chamados modalizadores ou operadores argumentativos.

Frequentemente recorre-se à tentativa de se chamar a atenção para a necessidade de mobilizar o conhecimento de mundo do interlocutor para vincular referências. Isso se constata quando observamos a utilização de *frames*, dêiticos em diversas reportagens, o que nos leva a refletir sobre a insuficiência do conhecimento linguístico na compreensão do sentido global dos textos.

Notamos, também, que a grande maioria das reportagens analisadas exploraram tanto recursos da linguagem verbal, quanto da não-verbal. Isto nos leva

a refletir sobre os conceitos de *letramento* e de *multimodalidade*. Sobre estes conceitos, Dionísio afirma:

A noção de *letramento* como habilidade de ler e escrever não abrange todos os diferentes tipos de representação do conhecimento existentes em nossa sociedade. Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem, bem como ser capaz de produzir mensagens, incorporando múltiplas fontes de linguagem.(...) A multimodalidade discursiva da escrita ainda é uma área carente de investigações. Na sociedade contemporânea, à prática de *letramento* da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada à prática de *letramento* da imagem, do signo visual. (DIONISIO, 2005, p. 131-132).

Desta maneira, a análise dos recursos multimodais expressos nos textos, em especial no caso da reportagem, se faz como imprescindível para que possamos observar com maior competência tanto o grau de informatividade dos textos, assim como as estratégias argumentativas utilizadas pelo locutor, ao se valer, para isso, da multimodalidade.

6 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE SD, COM BASE NA CONSTRUÇÃO PRÉVIA DO MDG

Sendo a reportagem um dos principais gêneros jornalísticos, é interessante observar a grande variação deste gênero. Ao selecionar o *corpus* para a análise através do MDG, a fim de obter conhecimentos aprofundados acerca das marcas composicionais e linguísticas do gênero *reportagem impressa*, deparamo-nos com diversas problemáticas, as quais vão desde a diversidade de formas, influências dos suportes na sua constituição, até a grande variedade de formatos presentes nesta esfera. Definições presentes em alguns dos principais manuais de redação e estilo jornalístico não dão conta sequer das especificidades deste gênero.

Assim, após selecionadas as reportagens impressas, de revistas diversas, direcionadas a diferentes interlocutores, e após análise minuciosa através do MDG, partiu-se para a construção de uma SD. Cabe ressaltar, então, que houve neste trabalho tanto a preocupação com os estudos de questões teóricas, na tentativa de clarear o conceito de tal gênero (através da análise do MDG produzido), quanto, ao mesmo tempo, uma busca por encontrar meios que deem conta de sua transposição didática adequada.

Isto posto, a construção da Sequência didática, seguindo a adaptação de Costa-Hübes (apud AMOP 2007) e Costa-Hübes (2008), foi implementada em sala de aula, o 4º ano Técnico em Administração do Colégio Estadual Mário de Andrade, Ensino Médio e Profissionalizante, em Francisco Beltrão, PR.

As atividades/etapas da Sequência Didática foram distribuídas segundo o cronograma, abaixo especificado:

Etapa U1	Etapa U2	Etapa U3	Etapa U4	Etapa U5	Etapa U6	Etapa U7	Etapa U8
Apresentação da situação de comunicação	Módulo de Reconhecimento do Gênero Textual: <i>Reportagem</i>	Produção Inicial	Seleção de uma reportagem para atividades de leitura e interpretação	Atividades de análise Linguística	Produção escrita	Reescrita do texto	Circulação do gênero
- Apresentação da proposta.	- Pesquisa sobre o gênero: disponibilizar reportagens para análise; - Leituras, análises mais aprofundadas, atividades que considerem, especialmente: a) Contexto de produção e sua influência na constituição do texto; b) Identificação da função social do gênero reportagem e sua ligação com sua respectiva esfera de circulação; c) Exploração do conteúdo temático; d) Identificação da funcionalidade do gênero, seus objetivos, intencionalidade, grau de informalidade; e) Identificação do papel do locutor e do interlocutor e sua influência na constituição da reportagem; f) Análise da relação entre a reportagem, seu suporte específico, e suas implicações; g) Estrutura composicional característica deste gênero; h) Reconhecimento da tipologia textual predominante neste gênero; i) Análise das vozes sociais presentes na reportagem.	- Produção de uma reportagem, tendo em vista os conhecimentos já adquiridos dos alunos.	- Atividades de análises aprofundadas sobre todos os itens citados na etapa U2, considerando as maiores dificuldades encontradas nas produções dos alunos.	- Análise do esboço do texto; - Marcas linguísticas características do gênero, o uso das aspas e sua ligação com a inserção das vozes sociais; e os recursos de coesão referencial e sequencial na reportagem; <i>modalizadores</i> .	- Seleção de temas para posterior pesquisa na internet e materiais diversos; - Planejamento e esboço inicial, (rascunho) - <i>Produção de reportagem</i> (em duplas) - Revisão, considerando o que foi proposto desde nas etapas U1, U2 e U3.	- Análise pelo professor/alunos dos textos produzidos; - Levantamento das maiores dificuldades apresentadas, reveladas nas produções escritas (reportagens); - Seleção de conteúdos para serem enfocados no momento da reescrita; - Seleção e revisão com a turma de 2 textos que apresentem dificuldades no trato com os conteúdos selecionados; - Reescrita do texto por parte dos autores.	- Disponibilizar as reportagens no site da escola e em mural específico; (a fim de cumprir sua função social, tendo em vista os interlocutores definidos inicialmente)
Aulas: 01	04	03	03	03	03	02	01 = TOTAL: 20

Durante a seleção e estudo das reportagens, evitamos a escolha centrada por temáticas, optando por referenciar melhor o contexto sócio-histórico de produção, as marcas do gênero, a função social deste em atividades que o configuravam, o meio em que circulam. Isto foi fundamental para que evitar a utilização do texto meramente como pretexto.

Assim, visando trazer aportes para o trabalho com a textualidade em sala de aula, em especial para a questão da transposição didática dos conhecimentos científicos referentes aos gêneros de texto, verificamos, durante sua aplicação e posterior análise, a coerência da aplicação do recurso metodológico *Sequência Didática*. Tal estratégia se mostrou adequada, uma vez que as atividades desenvolvidas, tendo em vista tanto a construção prévia do MDG, quando da SD, proporcionaram uma maior reflexão sobre o uso efetivo da língua materna. Isto

mostra que as especificidades de cada gênero podem (e devem) ser incorporadas às atividades de sala de aula.

Cabe ressaltar ainda, que, embora o conteúdo básico tenha sido a Reportagem Impressa, acreditamos que o trabalho favoreceu tanto a escrita, quanto a leitura e a oralidade, o que se comprovou durante as atividades e, principalmente, tendo em vista a grande maioria das produções finais. Segue abaixo, uma das reportagens produzidas pelas alunas Carla Witt e Maryana Bauer:

O álcool está cada vez mais presente na vida dos jovens

O álcool é hoje a droga mais usada por adolescentes brasileiros.

Carla Witt, Maryana Bauer

Os jovens estão bebendo bastante e cada vez mais cedo. A oferta é muita e o acesso fácil. Casas de shows e bares ligam a luz e vendem bebidas para menores.

Na década passada os primeiros golpes aconteciam por volta dos 15 a 16 anos, atualmente já ocorrem com grande parte das adolescentes entre 10 e 12 anos, sendo que muitos deles têm seu primeiro contato com a bebida em casa. Filhos de pais alcoólatras têm um risco de até 4 vezes maior de desenvolver a dependência do álcool. A causa do alto número de pessoas dependentes de bebidas alcoólicas no Brasil deve-se, principalmente, a cultura nacional. A cerveja, por exemplo, é aceita como uma bebida tradicional.

O álcool é a droga mais usada entre os adolescentes, conforme mostra o Gráfico. Usa o álcool comparado a outras drogas, lembrando que o álcool é a porta de entrada para o mundo das drogas.

Uso do álcool comparado a outras drogas

Droga	Porcentagem
Álcool	52%
Tabaco	18%
Outras drogas	30%

PERGUNTAS

Faizo Blasser, médico e especialista em comportamento juvenil.

- Por que é tão difícil resistir ao primeiro copo de bebida alcoólica quando se está na balada?
- Por várias motivos: a clima da balada, a ideia equivocada de que para se divertir deve-se beber; a pressão dos amigos; a vontade de "impressionar" as pessoas, e desejo de ficar mais alegre e destuidado, entre outros.
- Ou então vale o ditado de "beber até cair", de qualquer jeito, não é?
- É a ideia de que o bacana não é beber apenas um pouco e, sim, muito. Não adianta se ficar alegre e destuido, mas aproveitar a oportunidade para mostrar a cara. Esse padrão de consumo de bebida, infelizmente não é seguido pela maioria dos jovens. É bom lembrar que ele tem uma relação direta com o aumento dos riscos que o jovem corre por causa da bebida.
- Por que o álcool aumenta a autoconfiança?
- Porque ele atua no centro do sistema nervoso central que atua sobre nossa capacidade de avaliar situações e fazer julgamentos. É como se você se sentisse mais forte, poderoso e confiante do que realmente sou. Assim, acho que posso gastar mais entre outros depois de beber, alongo mais facilmente nas pessoas, fico mais ousoado, entre outros comportamentos.
- Beber é sinônimo de estar certo no mundo. O que significa isso?
- Questões culturais, complexos vividos dentro de casa, desejo de ser aceito e participar do grupo de amigos, féja e pressão das campanhas publicitárias de bebida e a moda de beber são alguns fatores.

COM QUANTA FREQUÊNCIA INGERE BEBIDA ALCOÓLICA?

Frequência	Porcentagem
Bebe mais de 5 vezes por semana	12%
Bebe 3 a 4 vezes por semana	28%
Bebe 1 a 2 vezes por semana	35%
Bebe algumas vezes por mês	15%
Não bebe	10%

CONHECER O PROBLEMA É A MAIOR FORMA DE PREVENÇÃO

Em um país tropical como o nosso, as propagandas em televisão e revistas associam o prazer com a bebida e atingem em cheio os adolescentes. Você bebe no fim para esquentar e ao calor para esfriar.

Algumas famílias geralmente contribuem para que o uso do álcool se torne um hábito. Essas famílias podem incluir o ambiente social em que a pessoa vive, a saúde emocional e a predisposição genética.

Para acabar com o vício, o usuário de álcool precisa ter consciência do problema que está enfrentando e o desejo de se livrar dele, isso pode ser feito através da desintoxicação em Clínica Especializadas e com o acompanhamento após a recuperação do usuário.

SAIBA MAIS

Para compreender o alcoolismo: <http://www.alcoolismo.com.br>

Para compreender o alcoolismo: <http://www.alcoolismo.com.br>

As produções finais, conforme se comprova acima, demonstraram, em sua maioria, progressão no que se refere aos conteúdos trabalhados durante a SD. As reportagens apresentaram, comparando-se as produções iniciais e as finais, significativo avanço quanto aos conhecimentos acerca do gênero em questão. Tanto o uso das marcas composicionais, quanto linguísticas da reportagem impressa foram verificadas nas produções dos alunos, como por exemplo: hibridismo com outros gêneros; recorrência à multimodalidade; utilização de boxes, estrutura peculiar; linguagem e temática que consideram o interlocutor previamente definidos (jovens); meio de circulação dos textos, dentre outros aspectos, anteriormente citados neste artigo.

O domínio de recursos tecnológicos por parte dos envolvidos neste processo também colaborou para que as reportagens apresentassem uma aproximação maior com os textos analisados, no que diz respeito, especialmente às suas marcas composicionais. Vale lembrar que a escola propiciou abertura para que pudéssemos utilizar o Laboratório de Informática, assim como programas para a diagramação das reportagens.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos, a partir da análise MDG, e posterior construção e aplicação da SD, que o conceito de multimodalidade do discurso também propicia uma abertura de espaço a perspectivas interdisciplinares, o que encontra respaldo tanto pela abordagem temática, quanto pelos conhecimentos gerais mobilizados para a compreensão de suas marcas linguísticas. Percebemos, portanto, que a percepção da multimodalidade, apresentada de forma intensa no gênero *reportagem impressa*, não pode passar despercebida pelo leitor crítico, cabendo ao professor a orientação de práticas de leitura que considerem os elementos verbais e não-verbais, suas intencionalidades e inferências.

Os pressupostos teóricos levantados sobre os propósitos comunicativos neste trabalho nos levou a observar um aspecto decisivo de sua dimensão discursiva: a ideia de que o conhecimento da dimensão linguística não é suficiente para compreender a totalidade da constituição de um enunciado.

Compreendemos, assim, que a consideração do conjunto de características discursivas de um gênero, neste caso da reportagem, antes mesmo da apreciação do texto propriamente dito e de seu conteúdo, deve constar entre os encaminhamentos iniciais de leitura, uma vez que indica parâmetros de avaliação mais ampla do texto quanto: à forma de abordagem do tema; às relações com outros enunciados; à quantidade e qualidade das informações; ao estilo selecionado pelo locutor; à recorrência ao uso de recursos verbais e não-verbais.

Entendemos, também, que o encaminhamento metodológico adequado em relação ao trabalho em sala de aula com os gêneros textuais, neste caso, delimitado pela reportagem, pressupõe, de antemão, a defesa de um conceito de leitura que parta do mais amplo – o âmbito discursivo das produções de textos, conhecimento dos elementos que constituem as situações de produção e circulação do gênero –

para o mais específico – seus elementos composicionais, escolhas discursivas, recursos específicos. Dessa forma, entendemos que o texto se constitui sempre como um evento interativo, sendo sempre algo processual.

Os resultados dessa pesquisa buscaram indicar perspectivas discursivas de leitura de *reportagens impressas* em revistas, adequadas à sala de aula, ao considerar a viabilização de práticas que proporcionam o conhecimento das principais marcas constitutivas neste gênero textual. Esperamos, assim, que contribua para uma leitura além do conteúdo proposicional básico das reportagens e para a formação de um leitor mais proficiente, de certa forma mais letrado.

Nesse sentido, observamos que a consulta a MDG sobre os textos a serem trabalhados (disponíveis em materiais teóricos, fontes diversas), e/ou a prévia elaboração destes, mostra-se como um caminho não somente viável, mas também imprescindível no que se refere às propostas de encaminhamento dos conteúdos básicos de Língua Portuguesa, os gêneros textuais, em sala de aula. Os resultados da implementação da SD nos demonstraram que o estudo dos gêneros (através de MDGs) e a construção conjunta de SDs contribuem para a formação, em princípio do próprio professor, transformando sua prática docente.

Irândé Antunes comenta, nesta perspectiva:

A dimensão em que se enxerga aqui a avaliação dos textos produzidos pelo aluno na escola é ampla, complexa, multidimensional, quem sabe utópica. (...) sem esquecer que a atividade de ensino é inerentemente interativa: ensinar e aprender são duas faces da mesma realidade. (ANTUNES, 2007, p. 179)

Assim, a elaboração de MDG, como pressuposto para posterior construção e/ou trabalho com a metodológica da SD, ao estabelecer como ponto essencial o trabalho com o gênero textual, parece ser uma estratégia que pode guiar a intervenção do professor em sala de aula. Tal encaminhamento privilegia diferentes vias de acesso à escrita, diversificação dos gêneros trabalhados, regulada por agrupamentos destes. Pressupõe um trabalho que permite desenvolver as capacidades dos alunos de forma diversa, fazendo com que reflita sobre sua relação com o mundo, considerando situações de uso da textualidade.

REFERÊNCIAS

AMOP, Associação dos Municípios do Oeste do Paraná. **Seqüência didática**: uma proposta de ensino de Língua Portuguesa para as séries iniciais. [Organizadoras: Carmem Terezinha Baumgärtner; Terezinha da Conceição Costa-Hübes]. Cascavel: Assoeste, 2007a. Caderno 2.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

_____. Avaliação da Produção Textual no Ensino Médio. In: **Português no Ensino Médio e formação do Professor**. Orgs. Bunzen, Clécio; Mendonça, Márcia. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, junho, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BEZERRA, Paulo. *Polifonia*. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Educ, 2003.

COSTA-HÜBES, T. da C. **O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná**: um resgate histórico-reflexivo da formação em língua portuguesa. Londrina, PR: UEL, 2008 (Tese de doutorado em Estudos da Linguagem).

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. *Modelo Didático de Gênero como instrumento de formação de professores*. In: Meurer, José Luiz; Motta-Roth, Désirée (orgs). **Gêneros Textuais** e práticas discursivas – Subsídios para o ensino da linguagem. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

DIONISIO, Ângela Paiva. *Gêneros multimodais e multiletramento*. In: BRITO, Karim Siebeneicher; GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mario (orgs). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. Palmas e União da Vitória, PR: Kayangue, 2005.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. . In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e**

escritos na escola. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). . In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

GAYDECZKA, Beatriz. **A multimodalidade na reportagem impressa.** In. Estudos Lingüísticos XXXVI(3), setembro-dezembro, 2007. p. 108-115.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual.** 21. ed. São Paulo, Contexto, 2008.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** 2. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. A Construção de Modelos Didáticos de Gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Revista Linguagem em (Dis)curso – LemD** – Tubarão, v.6, n.3, p. 547-573, set/dez. 2006.

MACHADO, Irene. *Gêneros Discursivos.* In: BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave.** 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação.* In.: KARWOSKI, Acir Mário. GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros Textuais: Reflexão e ensino.** 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade.* In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino.** 5. ed, Rio de Janeiro: Lucerna. 2007.

_____. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná.** Curitiba: SEED, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard.; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2004.

SWIDERSKI, Rosiane Moreira da Silva; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Pesquisa-ação voltada a práticas de leitura: uma proposta de trabalho com gêneros textuais sob a metodologia da sequência didática.** In: Anais da XI

Jornada de Estudos Linguísticos e Literários. 2008, Marechal Cândido Rondon, 2008 (no prelo).

_____. Abordagem sociointeracionista & sequência didática: relato de uma experiência. **Línguas & Letras**, vol. 10, n.18, 1º sem. 2009.

VYGOSTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.